

Páscoa ou páscoas judaicas?

Passover or Jewish Passovers?

*Gilvan Leite de Araujo**

Resumo: A celebração da Páscoa em Israel relembra o evento histórico no qual os hebreus, escravos do Egito, foram libertados pelas mãos forte de Iahweh e conduzidos para a Terra Prometida. Apesar da prescrição de uma memória a ser celebrada perpetuamente, nota-se que nem sempre foi observado tal prescrição e os motivos e ritos sofreram mudanças substanciais no decorrer da história de Israel conforme se observa nos relatos sobre a Páscoa nos livros sagrados do Antigo Testamento.

Palavras-chave: Páscoa Judaica; História da Páscoa, Festas de Israel.

Abstract: The Easter celebration in Israel recalls the historical event in which the Hebrew slaves from Egypt, were released by the strong hand of the Lord and led to the Promised Land. Although the prescription of a memory to be celebrated perpetually, we note that it was not always observed this prescription and the reasons and rites have undergone substantial changes in the course of Israel's history as shown in the accounts of the Easter holy books of the Old Testament.

Keywords: Jewish Passover; Passover History; Feast of Israel.

* Doutor em Teologia Bíblica pelo *Angelicum* de Roma. Assistente Doutor do Departamento de Teologia Fundamental da Faculdade de Teologia da PUC-SP. E-mail: glaraujo@pucsp.br.

Introdução

Antes da queda do Templo todo judeu era obrigado a subir três vezes ao ano à Jerusalém para celebrar as três grandes festas de Israel: Páscoa, Pentecostes e Tendas. Celebradas habitualmente como memória do Êxodo, ou seja, a Páscoa como memória da saída do Egito, Pentecostes como memória da Aliança do Sinai e Pentecostes como memória dos quarenta anos pelo deserto. Contudo, observando os textos bíblicos do Antigo Testamento atentamente verifica-se que a relação entre as três festas e o evento do Êxodo não é tão clara. Somente a Páscoa é sempre relacionada com este momento histórico. Contudo, se conceitualmente ela esta sempre relacionada com a saída do Egito, o rito da Páscoa varia de época para época. Neste estudo deseja-se observar estas discrepâncias rituais e suas implicações para a celebração pascal à época de Jesus Cristo.

Uma das primeiras questões a ser enfrentada é a relação entre o rito do sacrifício pascal (Pessach) e o rito dos Pães Ázimos (Mazzot).¹ Outro problema de raiz são as diferenças entre o relato histórico da primeira Páscoa em Ex12 e as prescrições rituais de Ex 23 e 34. Posteriormente, verificar-se-á as celebrações pascais realizadas no deserto e na Terra Prometida. Observa-se nos textos sagrados do Antigo Testamento a Páscoa judaica sendo celebrada de modo diferente em distintas épocas e circunstâncias.²

1. Páscoa no Egito

A primeira Páscoa acontece no Egito na noite que antecede a partida dos hebreus do Egito e está em conexão com as pragas, em particular à décima, que é a morte dos primogênitos.³

¹ Cf. Wambacq B.N. Pesah-Massôt. In: *Biblica* 62(1981) 499.

² Cf. Prosic T. *The Development and Symbolism of Passover until 70 CE*. T&T Clarck: London-New York 2004. p. 20

³ Cf. Prosic T. *The Development and Symbolism of Passover until 70 CE*. p. 75.

O início do relato do Êxodo deixa transparecer uma aparente contradição entre a ordem dada por Deus à Moisés e a solicitação feita por este ao Faraó. Nota-se que Deus convoca Moisés para libertar o seu povo do Egito e conduzir para uma terra “que mana leite e mel” (cf. Ex 3). Contudo, Moisés pede ao Faraó para conduzir o povo para um caminho de três dias a fim de oferecer sacrifícios (cf. Ex 5) e no capítulo 12 é afirmado que a Páscoa é comida no Egito e não no caminho de três dias (cf. Ex 12). O Êxodo não acontece em vista de ser celebrado uma Páscoa, mas a Páscoa é celebrada em vista do Êxodo que acontecerá.⁴

Nos Capítulos 23 e 34 de Êxodo encontram-se prescrições sobre as celebrações das festas de Israel. Observando tais prescrições nota-se que existe uma discrepância entre o relato de Êxodo 12 e as prescrições posteriores. Evidencia-se tradições que se relacionam na composição do livro. Neste sentido torna-se importante sublinhar o relato de Êxodo 12 e sua relação com as prescrições sobre a festa da Páscoa dos capítulos 23 e 34. Leva-se em conta, ainda, que existe um problema de calendário entre os relatos de Êxodo 12 e os relatos de Êxodo 23 e 34.

O relato de Êxodo 12 está inserido no momento que antecede a partida dos hebreus da terra do Egito e vinculado à morte dos primogênitos, a última praga. Observando o conjunto do relato observa-se que existe o anúncio da morte dos primogênitos do Egito em Êxodo 11 e o resgate dos primogênitos de Israel em Êxodo 13. Neste sentido o tema da primogenitura adquire relevância na celebração pascal do relato em questão e serve de moldura para o relato de Êxodo 12. Além do mais, o relato apresenta duas celebrações distintas, ou seja, a Festa dos Ázimos e a Festa da Páscoa. No primeiro, o rito prescreve consumir pães sem fermento durante sete dias e o segundo prescreve consumir o cordeiro na noite da Páscoa.

⁴ Cf. Segal, J.B. *The Hebrew Passover. From the earliest times to AD 70*. London: Oxford University Press 1963. p. 46.

a) O relato de Êxodo 12

Entre os capítulos 12 e 13 do Êxodo os ritos dos Ázimos e da Páscoa são apresentados através de um paralelismo: Páscoa-Ázimos-Páscoa-Páscoa-Ázimos. Na sequência, referentes as prescrições da Páscoa, encontram-se ordem dada direta por Deus na primeira e terceira prescrição, enquanto na segunda é o próprio Moisés que dita as ordens.

Em relação à Páscoa:

12,1-14: Deus disse

12,21-28: Moisés convocou

12,43-51: Deus disse

Em relação a Ázimos:

12,15-20: [Deus disse (12,1)]

13,3-10: Moisés disse

Na realidade, Moisés, enquanto “porta-voz” de Deus replica as prescrições dadas diretamente dadas por Ele.

O relato da Páscoa de Êxodo 11 a 13 possui esta sequência:

11,1-10: Morte dos Primogênitos do Egito

12,1-14: Páscoa

12,15-20: Ázimos

12,21-28: Páscoa

12,29-34: Morte dos Primogênitos do Egito

12,43-51: Páscoa

13,1-2: Consagração dos Primogênitos de Israel

13,3-10: Ázimos

13,11-16: Resgate dos Primogênitos de Israel

Sobre o esquema acima, Segal afirma que Ex 12,14-20; 24-27; 42; 13,3-10 são documentos incorporados posteriormente.⁵ Existe aparente discrepâncias e contradições entre os relatos. Eles se

⁵ Cf. Segal, J.B. *The Hebrew Passover. From the earliest times to AD 70*. p. 42.

fundamentam nas tradições sobre Páscoa e Ázimos e seus respectivos rituais.⁶ Existe na realidade uma junção de informações que tendem a gerar confusão para a compreensão do significado que se deseja pelo autor final. Na sequência alguns elementos fundamentais do relato serão apresentados para que se possa individuar respectivas características.

b) A celebração da Páscoa

No esquema acima, verificou-se que em Ex 12 aparece três relatos de Páscoa e duas dos Pães Ázimos. Contudo, existe discrepância entre os três relatos (12,1-14; 12,21-28 e 12,43-51). Uma primeira diferença é que no primeiro e no terceiro relato é Deus que ordena, enquanto no segundo é Moisés. Dá-se a impressão de se tratar de três relatos que apresentam o ritual da Páscoa. Além do mais, no relato é dito que Deus “passará” pelo meio do Egito e “ferirá” os primogênitos. A expressão “páscoa” possui justamente esta conotação, ou seja, a passagem/salto de Deus sobre o Egito. Além do mais esta passagem/salto pelo Egito é relacionada com o “comer” a páscoa.

c) A celebração dos Pães Ázimos

Enquanto percebe-se as distinções nos relatos referentes à Páscoa, o mesmo acontece nos relatos referentes à celebração dos Pães Ázimos. Entre o que prescreve os relatos de Ex 12,15-20 e Ex 13,3-10 existe uma informação perturbadora sobre o significado dos Ázimos. De fato, Ex 12,33-34 informa o leitor que os hebreus foram expulsos do Egito e tiveram que sair às pressas, motivo pelo qual os mesmos levaram a farinha amassada antes que levedasse. A informação continua no v. 39 que é dito expressamente que “cozeram pães ázimos com farinha que haviam levado do Egito, pois a massa não estava levedada: expulsos do Egito, não puderam deter-se nem

preparar provisões para o caminho”, ou seja, o motivo de comer o pão sem fermento é porque, sendo expulsos, tiveram que sair apressadamente do Egito. Esta explicação conflita sobre o que é dito nos dois relatos do rito dos Pães Ázimos, segundo o qual relembra que Deus fez o povo sair do Egito (cf. Ex 12,17 e 13,3). Além do mais, no primeiro relato da Páscoa transparece um tempo longo de preparação, que daria oportunidade para deixar tudo em ordem para a partida (cf. Ex 12,3.6).

d) Calendário

O primeiro versículo do capítulo 12 fixa que a celebração, por vontade divina, no primeiro mês. Contudo, somente no v. 4 do capítulo seguinte é que o leitor é informado tratar-se do mês de Abib. Esta informação reaparece no capítulo 23, quando trata das festas de Israel (cf. 23,15). A diferença é que a Festa da Colheita ocorre “no fim do ano” (23,16), ou seja, entre setembro-outubro, enquanto o mês de Abib está entre março-abril. A mesma situação reaparece em Ex 34, onde o leitor é informado que a Festa da Colheita acontece “na passagem do ano” (cf. 34,22). Nos relatos de Ex 23 e 34 não é indicado que o mês de Abib é o primeiro mês do ano, apenas que a Festa da Colheita acontece no final/passagem do ano. Isto indica que existe conflito de calendário, que será um problema nos relatos bíblicos do Antigo Testamento. Tal questão acontece entre o calendário pré-exílico do tipo solar e o calendário pós-exílico do tipo lunissolar. Levando em consideração isto, evidencia-se que fixar o mês de Abib como “primeiro mês” do ano é típico do período pós-exílico, enquanto o calendário pré-exílico situa o fim/passagem do ano entre setembro-outubro.

A questão do calendário no pós-exílio será evidente entre o judaísmo oficial de Jerusalém que adota o calendário lunissolar, tipicamente urbano, e o judaísmo extra-oficial de Israel, como a comunidade de Qumran que adota o calendário solar, tipicamente agrícola. A questão encontrará solução somente durante o início do

⁶ Cf. Segal, J.B. *The Hebrew Passover. From the earliest times to AD 70.* p. 71.

período rabínico no qual o antigo calendário solar, que fixa a passagem do ano entre setembro-outubro, irá prevalecer novamente.

e) Primogênitos

A décima Praga do Egito é justamente a morte dos primogênitos: “...passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até os animais...” (Ex 12,12). O relato da Páscoa situa-se justamente em relação a esta última praga, configurando a celebração como preparação para a partida do Egito.

A narrativa de Ex 11–13 estabelece distinção entre os primogênitos dos hebreus e os primogênitos dos egípcios. Deve-se salientar, apesar de não existir vínculo direto com a última praga, que a história do livro do Êxodo começa com a ordem do Faraó para eliminar os recém-nascidos do sexo masculino dos hebreus (cf. Ex 1).

Parece existir vínculo entre sacrifício com aspersão de sangue e morte de crianças. Algumas religiões animistas praticavam sacrifícios de primogênitos ou de recém-nascidos humanos ou animais como forma de impedir a morte dos demais. Neste sentido, alguns autores estabelecem vínculo entre o sacrifício de Isaque e esta prática antiga. Em todo caso, a aspersão do sangue do cordeiro nas portas das casas dos hebreus lhes garante a isenção da morte dos primogênitos. No relato de Ex 11–13 verifica-se a morte dos primogênitos do Egito, com última praga, e a circuncisão dos primogênitos dos hebreus, como sinal de consagração à Deus e como memória da libertação. A circuncisão será, em alguns relatos posteriores, a condição para que o israelita possa “comer” a Páscoa.

2. A Páscoa no Deserto (Nm 9)

A Páscoa do Sinai é narrada pelo livro dos Números. A celebração acontece após várias prescrições sobre os levitas e leis diversas (cf. Nm 1–8). Nota-se que a Páscoa acontece dois anos após a saída do Egito (cf. Nm 9,1). A celebração acontece como observância da

ordem divina de celebrar a Páscoa (cf. Nm 9,4-5). A narrativa é dividida em duas partes distintas. Na primeira parte, o autor descreve a ordem divina de se celebrar a Páscoa (Nm 9,1-5) e, na segunda parte, o autor trata da questão dos que não podem celebrar a Páscoa no tempo prescrito por motivo de impureza (cf. Nm 9,6-14).

O relato de Números salienta que o estado de impureza se deva por causa de um morto (cf. Nm 9,6). Moisés e Aarão ao consultarem Deus, recebe a prescrição de que quando alguém se encontrar impuro por causa de um morto ou se encontrar em viagem celebre a Páscoa no mês seguinte na mesma data, ou seja, no dia quatorze do segundo mês (cf. Nm 9,9-10). A prescrição divina ordena ainda que caso alguém esteja em estado de pureza e não celebrar a Páscoa, este deve ser eliminado do meio da comunidade (cf. Nm 9,13). Contudo, não se prescreve o que se subentende por eliminação: expulsão da comunidade ou morte do indivíduo. Talvez a primeira ideia, ou seja, expulsão da comunidade, seja o caso.

A prescrição sobre alguém em trânsito não poder celebrar a Páscoa na data prevista causa surpresa, tendo em vista que Israel se encontra no deserto, ou seja, toda Israel está em trânsito pelo deserto. Em todo caso, a prescrição divina em relação aos impuros ou em trânsito é que celebrem a Páscoa do segundo mês, ou seja, quem por motivo próprio não puder celebrar a Páscoa no dia 14 do primeiro mês deve celebrá-la no dia quatorze do segundo mês.

A prescrição divina também se estende para o estrangeiro, apenas afirmando que esse, estando na comunidade dos israelitas, celebre a Páscoa “segundo o ritual e costumes da Páscoa” (Nm 9,14). Neste sentido, o que prescreve o ritual e os costumes para o caso de estrangeiros? A prescrição de Ex 12 ordena a circuncisão dos “imigrantes” (cf. Ex 12,48), a fim de que tanto o israelita como o estrangeiro sejam equiparados através deste rito (cf. Ex 12,49). Portanto, o estrangeiro, seguindo a prescrição de Êxodo, deveria ser circuncidado a fim de se tornar apto para a celebração da Páscoa.

A prescrição da celebração da Páscoa do segundo mês estabelece uma duplicação de uma mesma solenidade. A prática de duplicação de festa novamente será encontrada no primeiro e segundo livro dos Macabeus, em relação a festa das Tendias, com a criação da festa das Tendias de inverno, ou seja, a festa da Dedicção (cf. 2Mc 10,1-8).

3. Primeira Páscoa em Canaã (Js 5,10-12)

Enquanto o relato de Êxodo 12 pressupõe a circuncisão dos participantes e que estes tenham celebrado a Páscoa do Egito e no deserto, surpreende que a Páscoa celebrada em Guilgal, a primeira na Terra Prometida, seja antecedida pelo rito da circuncisão. A ordem dada à Josué é de uma “segunda circuncisão” dos israelitas (cf. Js 5,2). A razão para esta circuncisão é de que todos os que saíram do Egito morreram pelo deserto e aqueles que chegam à Guilgal são descendentes, uma nova geração (cf. Js 5,5). Contudo, como isto pode ser possível tendo em vista que a Páscoa, teoricamente, teria sido celebrada no deserto e a condição para a participação é que a pessoa fosse circuncisa. Isto pode pressupor que durante os quarenta anos pelo deserto a Páscoa não tenha sido celebrada, a exceção daquela do Sinai.

Uma característica importante é que a Páscoa do Egito antecede a saída do Egito e a travessia do Mar e a Páscoa em Guilgal acontece após a travessia do Jordão e a entrada na Terra Prometida. Deste modo, a Páscoa em Guilgal estabelece um vínculo de conclusão entre a partida do Egito e a entrada na Terra Prometida. Leva-se em conta que a circuncisão também estabelece que aqueles que entram na Terra se configuram como uma nova geração, uma nova vida, uma nova realidade. De fato, no relato é dito que através da circuncisão foi retirado dos israelitas a desonra do Egito (cf. Js 5,9).

A celebração da Páscoa acontece nas planícies de Jericó e é celebrada segundo a prescrição divina de Êxodo 12, ou seja, no dia quatorze do primeiro mês (cf. Js 5, 10). Outra novidade do relato de

Josué, é que após a celebração da Páscoa, no dia seguinte, cessa o maná, porque agora podem comer dos frutos da terra. Qual produto? E o texto afirma “pão sem fermento e trigo tostado” (Js 5,11). Contudo, no relato de Ex 12 é afirmado que os hebreus, no Egito, comeram pão sem fermento porque tiveram que partir às pressas, agora é dito que o pão sem fermento é um produto da terra. Parece existir certa contradição. Além do mais o rito do pão sem fermento parece ser típico de Canaã, vinculado à atividade agrícola e sedentária, diferente da vida nômade do deserto, vinculada à criação de gado miúdo e ao sacrifício de animais. Em todo caso, a Páscoa em Guilgal marca o início da vida nova na Terra Prometida.

4. Páscoa durante o reinado de Ezequias (2Cr 30)

O reinado de Ezequias (716-687 a.C.) marca um período de purificação religiosa em Judá após o reinado do seu pai Acaz (cf. 2Rs 18-20). O relato da Páscoa durante o reinado de Ezequias está relacionada com o tema da purificação, principalmente do Templo de Jerusalém. Curioso é que a Páscoa é celebrada no segundo mês, pois os sacerdotes não estavam santificados em número suficiente e o povo ainda não se tinham reunido em Jerusalém para celebrá-la no tempo indicado (cf. 2Cr 30,2-3), ou seja, no décimo quarto dia do primeiro mês. Esta celebração evoca o relato do livro de Números que prescreve a Páscoa do segundo mês por motivo de impureza ou viagem.

O subir para Jerusalém para a celebração da Páscoa é descrito como um gesto de humildade e de reconhecimento do senhorio de Deus, aceito por alguns e rejeitado por outros (cf. 2Cr 30,1.6-14). Deve-se nota que a Carta de Ezequias enviada às tribos de Judá e Israel prescreve a celebração da Festa do Ázimos, ou seja, do pão sem fermento (cf. 2Cr 30,13).

A narrativa de 2Cronicas evidencia que a celebração ocorreu num clima de confusão, pois muitos dos participantes não estavam

puros, conforme a prescrição da Lei, mesmo celebrando no segundo mês, o que leva o rei Ezequias a implorar a misericórdia divina em favor dos que se encontravam impuro, tendo as preces atendidas por Deus (cf. 2Cr 30,18-20). Em relação à celebração, o autor de Crônicas divide a celebração em duas partes, ou seja, a celebração da Páscoa (cf. 2Cr 30,15-20) e a celebração do Ázimos (cf. 2Cr 30,21-27). Na primeira parte os sacerdotes e os levitas ficam sobrecarregados com os sacrifícios que devem realizar. Na segunda parte, o autor informa que se celebrou durante sete dias a festa dos Ázimos junto com sacrifícios diário de comunhão. O clima de júbilo invade Jerusalém levando os sacerdotes, o rei e todo o povo a continuar celebrando por mais sete dias. Deste modo a celebração da Páscoa e dos Ázimos em 2Crônicas tem uma duração de quatorze dias.

Todo o relato de Crônicas deixar transparecer que a celebração da Páscoa tem como finalidade a purificação cultural de Judá e Israel.

5. Páscoa durante o reinado de Josias (2Cr 35,1-18; 2Rs 22,21-23)

A celebração da Páscoa durante o reinado de Josias, acontece num clima de restauração sócio-econômico-político e religioso de Judá. Josias sobe ao trono com apenas oito anos de idade, permanecendo a nação sob a coordenação do tutor do rei até a maioridade deste. Após o longo reinado de Manassés e Amon (cf. 2Cr 33; 2Rs 21), Judá tinha se tornado uma nação idólatra e em plena crise social. Josias surge como um grande reformador (cf. 2Cr 34-35; 2Rs 22-23).

O relato da Páscoa em Josias está descrito em Crônicas e Reis respectivamente. Contudo, o relato do segundo livro dos Reis é sucinto, apenas informando da celebração da Páscoa, enquanto o relato do segundo livro das Crônicas apresenta diversos detalhes, os quais serão descritos a seguir.

a) Relato de 2Rs 22,21-23

No relato do segundo livro dos Reis, Josias ordena celebrar a Páscoa seguindo o que está prescrito no Livro da Aliança que fora encontrado no Templo durante as reformas (cf. 2Rs 23,21). Torna-se intrigante a informação que segue, ou seja, que tal solenidade jamais havia sido celebrada em Israel desde a época dos Juízes e nem durante os reinados dos reis de Israel e de Judá (cf. 2Rs 23,22-23). Contudo, sabe-se da celebração da Páscoa durante o reinado de Ezequias em Judá. Nesse sentido se pode indagar se durante o reinado de Ezequias se tenha celebrado uma única vez a Páscoa e posteriormente cessou a celebração até a época de Josias. Mas como uma solenidade de tal envergadura não era celebrada em Israel e nem em Judá, tendo em vista que se trata de uma “lei perpétua” como foi visto no relato de Êxodo 12? Pode-se pensar que este relato não existia ou sumariamente a Páscoa, em Judá, tinha sido proscrita até a época de Josias.

b) Relato de 2Cr 35,1-18

Apesar de ser mais extenso o relato de Crônicas, a questão anterior reaparece, ou seja, que até então não se tinha celebrado a Páscoa. O Cronista apenas suaviza dizendo que não havia sido celebrada uma Páscoa como aquela (cf. 2Cr 35,18) a diferença do relato de Reis é a informação de que não havia sido celebrada desde a época do Profeta Samuel. A história de Samuel encontra-se no primeiro e segundo livro cognominados, mas em nenhum dos dois livros é descrito uma celebração pascal.

O relato informa ainda que enquanto os sacerdotes estavam ocupados com o sacrifício do povo, os levitas se encarregaram de preparar a Páscoa para eles, para os sacerdotes, para os levitas cantores, para o vidente do rei e para os porteiros pois todos estes estavam ocupados em suas respectivas funções (cf. 2Cr 35,14-15).

A ordem para celebrar a Páscoa, proveniente do Rei Josias tem em vista atender as prescrições contidas no “livro de Moisés” (2Cr 35,12).

6. Páscoa no Pós-Exílio (Esd 6,19-22)

O livro de Esdras informa que quando os Judeus retornaram para Judá, celebraram a Festa das Tendias (cf. Esd 3; Ne 8). Em seguida puseram-se a reconstruir o Templo de Jerusalém (cf. Esd 4,24-5,18), celebrando com alegria a Festa da Dedicção (cf. Esd 5,17). Os textos sagrados vinculam a celebração da dedicação do Templo (cf. 1Rs 8) e a dedicação de altar (cf. Esd 3) durante a Festa das Tendias. Neste sentido, a Páscoa celebrada no pós-exílio deve ter sido celebrada entre o sexto ou o sétimo ano do retorno.

O relato de Esdras informa que a Páscoa foi celebrada no dia quatorze do primeiro mês em estado de pureza (cf. Esd 6,20). A sequência celebrativa respeita as prescrições anteriores, ou seja, comer a Páscoa na noite do dia quatorze e celebrar a festa dos Ázimos durante sete dias (cf. Esd 6,22). Esta celebração descreve a benevolência do rei da Pérsia Artaxerxes (=Dário) em favor dos judeus, principalmente em favor da vida religiosa através da reconstrução do Templo de Jerusalém.

7. Páscoa em Jubileus

O Livro dos Jubileus é uma das mais importantes obras apócrifas do Antigo Testamento⁷ e apresenta uma visão totalmente particular a respeito das festas de Israel.⁸ O nome “Jubileus” surge em idade patrística, devido a preocupação do autor em estabelecer a história de Israel dentro de ciclos jubilares de quarenta e nove anos

⁷ Cf. Díez Macho A. *Apócrifos del Antiguo Testamento*, II, Ediciones Cristiandad, Madrid 1983, 67; Schürer E., *Storia del Popolo Giudaico al Tempo di Gesù Cristo*, III, T. 1, 412.

⁸ Cf. H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 155.

cada.⁹ Outros autores preferem denominarem a obra de “Pequena Gênesis”, apesar de que provavelmente o autor a denominasse “Lei de Moisés”, como se pode observar nas primeiras páginas da obra.¹⁰

A estrutura do Livro dos Jubileus segue a do Livro da Gênesis é por este motivo que frequentemente é denominado “Pequena Gênesis”. De fato, o Livro dos Jubileus é uma livre reelaboração da história Bíblica desde a criação até a instituição da Páscoa.¹¹ A inteira obra é apresentada como uma revelação feita a Moisés no Sinai por parte do “Anjo da Presença”.¹² A história Bíblica recebe especial atenção cronológica, constituída de períodos jubilares de quarenta e nove anos, ou seja, sete semanas de anos com sete anos cada. Sendo a cronologia um motivo importante na obra. O autor dá atenção especial as festas judaicas celebradas durante o ano, reivindicando uma origem muito mais antiga para o surgimento delas, ou seja, durante o tempo dos Patriarcas.¹³

O autor de Jubileus se esforça por centrar a sua obra dentro do calendário solar.¹⁴ Tal esforço, além de querer fixar e precisar os dias de festas judaicas, demonstra existir um conflito de calendário. De fato, o período do segundo Templo enfrenta a disputa, primeiro com a imposição do calendário babilônico do tipo lunissolar, e posteriormente com a dominação helênica.

A Páscoa em Jubileus aparece no penúltimo capítulo de obra e parece haver discrepância de calendário entre os capítulos anteriores com o capítulo em questão. As prescrições sobre a Páscoa, no capítulo 49 da obra, são totalmente particulares em relação aos textos bíblicos do Antigo Testamento e servem de base para a compreensão

⁹ Cf. Zeitlin S. The Book of “Jubilees” and the Pentateuch, in *JQR* 48 (1957) 218.

¹⁰ Cf. Zeitlin S. The Book of “Jubilees” and the Pentateuch, 218.

¹¹ Schürer E. *Storia del Popolo Giudaico al Tempo di Gesù Cristo*, III, 406.

¹² Schürer E. *Storia del Popolo Giudaico al Tempo di Gesù Cristo*, III, 406.

¹³ Cf. Schürer E., *Storia del Popolo Giudaico al Tempo di Gesù Cristo*, III, 407.

¹⁴ Cf. Leonhard C. The Jewish Pesach and the Origins of the Christian Easter. Walter de Gruyter: Berlin-New York 2006. 242.

da celebração da Páscoa no primeiro século da era cristã, conforme se pode observar na tradição rabínica e na celebração pascal cristã. A Páscoa em Jubileus é descrita nos capítulos 17, 18 e 49.

Relato de Páscoa

Nos capítulos 17 e 18 de Jubileus o autor vincula a celebração da Páscoa com a história do sacrifício de Isaac.¹⁵

A Páscoa é descrita amplamente em Jub 49. O autor descreve a memória da Páscoa e que esta deve ser celebrada a partir do décimo quarto dia do primeiro mês e que o sacrifício seja feito antes do anoitecer e comê-lo à noite do décimo quinto dia (cf. Jub 49,1). Percebe-se que o autor esta se baseando no calendário lunar, neste sentido, o entardecer é o décimo quarto dia e o pôr do sol marca o início do dia seguinte, ou seja, do décimo quinto.¹⁶

O motivo da celebração é porque nesta noite os israelitas se encontravam no Egito comendo a Páscoa, enquanto os “poderes de Mastema” haviam sido liberados para eliminar os primogênitos da terra do Egito (cf. Jub 49,2). Segundo o relato, Mastema e seus poderes trata-se do próprio Satanás que recebe autorização divina para eliminar os primogênitos do Egito. O texto prossegue afirmando que Mastema podia atacar toda a terra do Egito exceto os locais que tivessem a marca do sangue do cordeiro (cf. Jub 49,3-5).¹⁷

Enquanto Mastema cumpre a ordem, os israelitas encontram-se nas casas festivamente comendo a carne do cordeiro pascal e bebendo vinho, enquanto entoam louvores e ações de graças à Deus, porque estavam prontos para sair da escravidão do Egito (cf. Jub 49,6). Motivo pelo qual o autor ordena que a celebração deva ser perenemente celebrada uma vez por ano, no dia indicado sem

¹⁵ Cf. Leonhard C. The Jewish Pesach and the Origins of the Christian Easter. 234.

¹⁶ Cf. Leonhard C. The Jewish Pesach and the Origins of the Christian Easter. 232-233.

¹⁷ Cf. Leonhard C. The Jewish Pesach and the Origins of the Christian Easter. 234.

mudar o dia ou o mês (cf. Jub 49,7.10-11). Em Jub 49,6-7.14 encontram-se duas particularidades. A primeira é a inclusão do vinho na ceia Pascal. De fato, o vinho não fazia parte do rito até então. Este dado é importante, porque a última ceia de Jesus Cristo aparece o vinho como elemento próprio do rito e no *seder* de *Pessach* a partir da Judaísmo Rabínico também aparece o uso do vinho. A primeira referência escrita a vinho coligado ao rito da Páscoa é proveniente deste texto de Jubileus. A segunda característica é a prescrição que a Páscoa seja celebrada na data prescrita, ou seja, décimo quarto dia do primeiro mês. Isto contraria relatos anteriores que prescreviam a celebração da Páscoa no segundo mês (cf. Nm 9 e 2Cr 30).

Quanto ao rigor da data, Jubileus continua afirmando que o homem que se encontra apto para a celebração, ou seja, puro, e não celebra a Páscoa seja eliminado do meio da comunidade e tome a culpa sobre si (cf. Jub 49,9). Neste caso, a pessoa deve ser tratada como o bode expiatório do Dia da Expição o qual era lançado para o deserto (cf. Lv 16).

A imolação a consumação do cordeiro Pascal deve ocorrer, segundo Jubileus, entre o anoitecer e a terceira parte da noite e o que restar seja queimado, isto significa que o sacrifício e a ceia deveriam ocorrer entre as dezesseis às vinte quatro horas aproximadamente. Além do mais, Jubileus prescreve que o cordeiro deva ser assado, proibindo o cozimento em água ou consumação cru do mesmo (cf. Jub 49,12). Segue a prescrição sublinhando que nenhum osso do cordeiro pode ser quebrado por tratar-se de um dia festivo (cf. Jub 49,13-14).

Jubileus 49,15 prescreve que celebrando a Páscoa os israelitas ficaram livres das pragas que venham para matar ou ferir.

O lugar prescrito para a celebração da Páscoa é no Santuário do Senhor, onde toda a comunidade de Israel deve se reunir na época determinada (cf. Jub 49,16). A idade mínima para a celebração é de

vingte anos para cima (Jub 49,17).¹⁸ O texto não menciona a participação de mulheres e nem de crianças. Contudo, o Evangelho de Lucas narra a participação de Jesus com a idade de doze anos e de Maria junto com José (cf. Lc 2,41-50). No relato da família de Nazaré sobe para Jerusalém para a celebração da Páscoa como habitualmente faziam todos os anos. Contudo, o texto afirma que o menino ao completa doze anos, segundo o costume, sobe para a celebração (cf. Lc 2,42). Neste sentido, segundo o relato lucano, existia a prescrição para o menino a partir dos doze anos passar a celebrar a Páscoa em Jerusalém.

Quanto a solenidade dos Pães Ázimos, é prescrito a permanência durante sete dias diante do Tabernáculo do Senhor e, após a construção do Santuário do Senhor, diante deste. Nas prescrições anteriores a Páscoa era consumida diante do Templo e, posteriormente, os israelitas retornam para as suas casas onde celebravam Pães Ázimos durante sete dias, aqui em Jubileus, tanto o Cordeiro Pascal como os Pães Ázimos são consumidos diante do Tabernáculo/Santuário do Senhor,¹⁹ como também transparece no relato lucano (cf. Jub 49,18-22; Lc 2,43). A motivação para celebrar Pães Ázimos durante sete dias diante do Senhor é porque os israelitas celebraram a primeira vez as pressas enquanto saíam da terra do Egito e entravam no deserto de Shur e concluíram ao rito na costa do mar (cf. Jub 49,23).

Conclusão

Fazendo o percurso histórico da Páscoa Judaica nos textos do Antigo Testamento, foi possível visualizar a primeira páscoa celebrada no Egito (cf. Ex 12), a celebração durante a caminhada pelo deserto (cf. Nm 9,4-6) e a chegada na Terra Prometida (cf. Js 5,10-12). Nesta primeira etapa a Páscoa no Egito conclui o período

de escravidão e abre para a liberdade, enquanto a Páscoa do Sinai sublinha a vida nova segundo a Lei, de uma condição de não povo a povo de Deus, e a Páscoa em Canaã conclui o período nômade e sublinha a passagem da escassez para a fartura, em liberdade na Terra Prometida.

As celebrações posteriores na Terra Prometida deixam transparecer certas incongruências e novas características. A Páscoa no Templo (cf. 1Rs 9,25; 2Cr 8,12-13) marca a celebração no lugar escolhido por Deus para estabelecer o seu Nome (cf. 1Rs 8). A celebração durante o reinado de Ezequias evidencia o problema da pureza-impureza, sendo celebrada no segundo mês, tendo como base o relato da Páscoa do livro do Números. Na sequência, a celebração da Páscoa em Josias serve para reafirmar a características monoteísta do judaísmo, combatendo toda forma de politeísmo que aflora em Judá, ao passo que a celebração no relato de Esdras (cf. Esd 6,19-22) evidencia o retorno para a Terra Prometida após o exílio da Babilônia.

O relato do Livro de Jubileus apresenta a novidade do vinho fazendo parte do rito, coisa que será notória na última ceia e na celebração judaica da Páscoa. O anjo da morte de Êxodo é descrito como o personagem Mastema que recebe ordens de Deus para eliminar os primogênitos da terra Egito com exceção das casas que tivessem os umbrais das portas aspergidos com sangue. O lugar da celebração é diante do Senhor (Tabernáculo-Templo) com permanência de sete dias para a celebração dos ritos da Páscoa e dos Pães sem Fermento. A celebração se destina aos homens com idade mínima de doze anos. O cordeiro deve ser imolado ao entardecer do décimo quarto dia do primeiro mês e consumido ao anoitecer e o que restar deve ser queimado. Os ossos da vítima Pascal não podem ser quebrados, pois isto não ocorreu no Egito. A data não pode ser alterada, o que elimina a prescrição de celebração do segundo mês para os que se encontravam impuros.

O Evangelho de João deixa claro que a celebração da última ceia realizada por Jesus não se trata de uma celebração Pascal, apesar de possuir traços da mesma. O relato da Instituição da

¹⁸ Cf. Leonhard C. The Jewish Pesach and the Origins of the Christian Easter. 240.

¹⁹ Cf. Leonhard C. The Jewish Pesach and the Origins of the Christian Easter. 240.

Eucaristia, descrita por Paulo em 1Cor 11 também descreve este processo evolutivo da celebração da Páscoa Judaica. Em todo caso, em que medida a última ceia é substituição da celebração judaica da Páscoa? De fato, os Sinóticos deixam transparecer a última ceia como uma celebração Pascal (cf. Mt 26,17-35; Mc 14,12-31; 22,1-38). Nota-se nos relatos Sinóticos a neta distinção entre a celebração dos Ázimos e a celebração da Páscoa. Por outro lado, a celebração da Páscoa acontece conforme o modelo de Jubileus com a benção do Pão e do Vinho, enquanto se “come a Páscoa”.

Analisando os ritos neotestamentários verifica-se tratar de um novo modelo celebrativo sem perder a antiga distinção entre “comer a Páscoa” e celebrar a semana festiva dos Ázimos. Permanece uma dificuldade sobre a relação e o processo histórico de unificação entre os ritos da Páscoa e o rito dos Pães Ázimos, ou seja, em que medida uma celebração tipicamente pastoril e nômade se vinculou a uma celebração tipicamente agrícola e sedentária na história de Israel e qual a relação entre elas. Sobre a questão não existe acordo entre os estudiosos.

Visualizando a evolução da celebração da Páscoa nos textos do Antigo Testamento, junto com textos apócrifos, como o Livro de Jubileus, verifica-se uma clara distinção entre as prescrições anteriores e o modelo celebrado a partir do Judaísmo Rabínico e o modo com o qual será reelaborado por Jesus Cristo.²⁰ De fato, o Seder de Pessach e o Rito da Eucaristia do Cristianismo apresentam possuem algumas semelhanças no que diz respeito ao pão e ao vinho.²¹ Enquanto o primeiro elemento dos dois ritos, ou seja, o pão, vincula-se tranquilamente com a celebração de Pães Ázimos, o segundo elemento, ou seja, o vinho não pertence a tradição da celebração da

²⁰ Cf. Wahle S., Reflections on the Exploration of Jewish and Christian Liturgy from the Viewpoint of a systematic theology of liturgy. In: Gerhards A. & Leonhard C., Jewish and Christian Liturgy and Worship. Brill: Leiden-Boston 2007. 172.

²¹ Cf. Wahle S., Reflections on the Exploration of Jewish and Christian Liturgy from the Viewpoint of a systematic theology of liturgy. 172.

Páscoa Judaica. Mas na última ceia Jesus Cristo acrescenta benção do cálice (cf. Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,19-20; 1Cor 11,23-25) e a Mishná, no Tratado *Moed (pesahim 10)*, dedica todo o capítulo décimo para tratar da benção do cálice com vinho. Em todo caso, a partir da era cristã o vinho passa a fazer parte do rito pascal.

Bibliografia

- LA MISNÁ, Valle C. del. Ediciones Sígueme: Salamanca 2003.
- DÍEZ MACHO A., *Apócrifos del Antiguo Testamento*, II. Ediciones Cristiandad: Madrid 1983.
- LEONHARD C., *The Jewish Pesach and the Origins of the Christian Easter*. Walter de Gruyter: Berlin-New York 2006.
- PROSIC T., *The Development and Symbolism of Passover until 70 CE*. T&T Clarck: London-New York 2004.
- SEGAL, JB., *The Hebrew Passover. From the earliest times to AD 70*. London: Oxford University Press 1963.
- SCHÜRER E., *Storia del Popolo Giudaico al Tempo di Gesù Cristo*, III, T. 1. Paideia: Brescia 1997.
- ZEITLIN S., The Book of “Jubilees” and the Pentateuch. In: *The Jewish Quarterly Review* 48 (1957) 218-235.
- WAHLE S., Reflections on the Exploration of Jewish and Christian Liturgy from the Viewpoint of a systematic theology of liturgy. In: GERHARDS A. & LEONHARD C., Jewish and Christian Liturgy and Worship. Brill: Leiden-Boston 2007
- WAMBACQ B.N., Pesah-Massôt. In: *Biblica* 62 (1981) 499-518.

Recebido em 20/09/2016

Aprovado em: 05/10/2016